

A ESTRUTURA FAMILIAR E A EDUCAÇÃO

Fabiano Procópio Daros¹, Sandra Potmteier², Leonilda Wessling³

¹IFC – Campus Sombrio/Acadêmico do Curso Superior de Tecnologia de Gestão em Turismo/Email: fabiano-turismo@hotmail.com

²FURB/Centro de Ciências da Educação/Mestre em Educação/Email: pottmeyer@gmail.com

³FURB/Centro de Ciências Humanas/Mestre em Desenvolvimento Regional/Email: leonilda.wessling@gmail.com

Resumo: Este artigo teve como objetivo realizar um estudo acerca da estrutura familiar na contemporaneidade no município de Indaial (SC), bem como a sua relação com a educação. Recorreu-se, assim, à etnografia e a questionários entre as famílias residentes neste município, como também a uma extensa literatura sobre o tema. Para tanto, autores como Giddens (2001), Hobsbawm (1991) auxiliam na compreensão das mudanças que vem ocorrendo na sociedade. Strauss (1966), Àriès (1981) complementam com o conceito de família. A relevância desse estudo se apresenta na possibilidade de vir a subsidiar políticas públicas voltadas para o espaço familiar. Além disso, o conhecimento sobre as transformações nos diversos tipos de famílias possibilitam uma compreensão para pensar o processo educacional e novas formas de inclusão a partir das representações sociais. A família nuclear patriarcal do município em estudo tem se transformado em suas características, mas aparece com maior resistência em relação a outras regiões do Vale do Itajaí (SC). Isso pode ser dado ao fato de ser um município de pequeno porte em que predomina uma grande relação entre campo e cidade. Porém, as mudanças familiares vêm ocorrendo com a introdução da mulher no mercado de trabalho e em especial com a criação de creches que possibilitam a dona de casa se ausentar da sua casa do seu lar. Este afastamento da mulher do espaço doméstico pode ser uma das causas da nova configuração familiar neste município. Uma vez que pode ser caracterizada como uma sociedade conservadora.

Palavras-Chave: Família, Sociedade, Relações de Gênero, Educação.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo teve por objetivo compreender a estrutura familiar na contemporaneidade e sua relação com a educação. Assim, buscou-se conhecer as famílias de alunos de uma escola estadual, Escola de Educação Básica Frederico Hardt, localizada no município de Indaial (SC). Para realização desse estudo recorreu-se às referências bibliográficas, levantamento de dados e observações.

Para o levantamento de dados sobre as famílias foi realizada uma pesquisa, a partir de um questionário aplicado a 163 alunos de Ensino Médio. Estes sujeitos foram escolhidos, por entender-se que se inscrevem na educação, no caso, numa escola pública, e por terem uma compreensão mais ampla do que é família.

Este estudo poderá contribuir para a compreensão do que vem ocorrendo na estrutura familiar, com suas novas configurações. Uma das razões são as transformações globais. Outra deve-se ao fato de que a mulher precisa ajudar na renda familiar, porque esta já está inserida no mercado de trabalho. Outro ponto é a questão de refazer sua vida

sozinha ou com seus filhos. Neste sentido, o ideal de família para os entrevistados é aquela em que se constitui o pai, a mãe e os filhos. Em alguns casos, aparecem os avós.

Além disso, poderá vir a subsidiar políticas públicas voltadas para este tipo de reflexão. Esta metodologia faz uma abordagem do geral para o específico, para assim, poder identificar as diversas formas de organização em diversas sociedades como, por exemplo, as do Vale do Itajaí, especificamente em Indaial (SC).

A família até a metade do século XX tinha característica nuclear e patriarcal, a mulher, mesmo sendo a progenitora da vida, não detinha o poder central da família, mas sim o homem. Porém, ela é uma das grandes responsáveis pela transformação do espaço familiar, devido à conquista de alguns papéis e condições antes apenas masculinos e/ou inexistentes para elas. Por exemplo, a família, em Indaial (SC), é algo que acompanha um cenário comum em qualquer sociedade ocidental, mas suas transformações podem se dar em tempos diferentes.

Assim, a história da humanidade ao longo dos anos vem apresentando a ideia de que a família é uma instituição que evoluiu e se modificou através do tempo e do meio social. Apesar das transformações manteve-se a ideia de que a manutenção da estrutura social ainda é considerada importante.

2 METODOLOGIA

Apresentamos nesta seção os caminhos percorridos na definição do objetivo e o tipo de pesquisa. A metodologia utilizada recorre à bibliografia acerca do tema, bem como à elaboração de um questionário aplicado aos 163 alunos (jovens em idade média de 13 a 16 anos) de Ensino Médio, que residem no município de Indaial (SC).

O levantamento de dados a partir do questionário consistia nas seguintes perguntas que mostram as novas características da família contemporânea, a saber: a) Você reside com quem?; b) Quantas pessoas trabalham fora na sua casa e quem são?; c) Quem faz o trabalho doméstico, por quê?; O que é família para você e como e por quem ela é composta?

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa, pois “[...] busca uma compreensão daquilo que estuda (...) ela não se preocupa com generalizações, princípios e leis (...) o foco da atenção é centralizado no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão” (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 23). Entendemos que a pesquisa qualitativa

está preocupada com o processo, como são construídas as relações, suas causas e significados.

À medida em que os registros são coletados, se refina o foco investigativo e se compreende a pertinência com o objeto de pesquisa. O pesquisador questiona e dialoga com os sujeitos investigados a fim de visualizar novas perspectivas para compreender o problema. Estes que se constituem na e pela história, que está em movimento, que é um contínuo e, por sua memória.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A Família

As sociedades em geral, organizaram-se em torno da instituição família, ela é frequentemente entendida como a unidade fundamental da sociedade. Para a maioria das pessoas está associada a coisas boas, tais como, amor, afeto, segurança, conforto e proteção. A delinquência, a violência e o tóxico, presentes na sociedade, muitas vezes são atribuídos de uma forma generalizante à falha de certas famílias na educação de seus filhos. O termo Família, segundo Prado (1985, p. 12), “é uma instituição social variando através da História e apresentando até formas e finalidades diversas numa mesma época e lugar, conforme o grupo social que esteja sendo observado”.

Portanto, a Família é a primeira instituição com que uma pessoa entra em contato em sua vida. Ela é antiga e desde os tempos mais remotos lhe é atribuída à função de educar seus filhos. Não há relatos de pessoas que tenham vivido à margem de algum tipo de Família. De acordo com Strauss (1966, p. 313):

Sabemos muito pouco acerca do tipo de organização predominante nos primeiros estágios da humanidade, por que os vestígios do homem do paleolítico superior, de cerca de 50.000 anos atrás consistem principalmente de fragmentos de esqueletos e objetos de pedra, os quais proporcionam somente um mínimo de informações quanto às leis e costumes sociais, mas se sabe que desde o tempo de Heródoto, por exemplo, até nossos dias, a única coisa que se pode dizer é que família conjugal e monogâmica é relativamente frequente.

Tem-se relatos de outros modelos de famílias, no entanto esse modelo chamado de tradicional é o mais comum, principalmente na sociedade ocidental. A família

é uma instituição valiosa para a sociedade, progenitora de valores e condutas que refletem diretamente no comportamento da humanidade, de acordo com a cultura na qual o indivíduo está inserido. Para Strauss (1966, p. 332), “a sociedade pertence ao reino da cultura, enquanto a família é a origem, no nível social, daqueles requisitos naturais sem os quais não poderia haver sociedade nem certamente humanidade”.

A família é uma instituição de grande relevância social, mantenedora de certos valores, bem como uma unidade fundamental para a solução de um leque de problemas, também relacionados à educação das crianças. Para Prado (1985, p. 12):

É a única em seu papel determinante no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência, função de identificação social dos indivíduos, as de reprodução, as de produção de bens (alimentos, vestuário, brinquedos, remédios, etc.) e do consumo destas.

A função social da família não tem mudado muito e conforme se percebe ela sempre existirá, mesmo que haja mudanças. Quanto a seus tipos, tem evoluído no decorrer da história, conforme Giddens (2001, p. 174) identifica: “na presença de transformações tão ricas e confusas, talvez a conclusão mais apropriada a que se possa chegar seja de que embora os casamentos acabem em divórcio, as famílias enquanto tal permanecem”.

Tem-se observado que a família tem mudado sua composição no decorrer dos últimos anos, principalmente a partir da década de 50, do século passado, conforme enfatiza Giddens (2001, p. 174): “o mundo familiar é hoje muito diferente do que há cinquenta anos. Apesar das instituições do casamento e da família ainda existirem e serem importantes nas nossas vidas o seu caráter mudou radicalmente”, a diversidade é uma característica da atualidade.

Para Hobsbawm (1991, p. 314), “Na maioria das sociedades, essas relações resistiram de maneira impressionante à mudança súbita, embora isso não queira dizer que são estáticas”. Embora de forma tímida, é um processo natural sua evolução, pois é um núcleo da sociedade que se transforma, também assim ocorre com as instituições inseridas na sociedade.

Dentro desse contexto podem ser pensadas as mulheres como as grandes responsáveis pelas mudanças que vêm ocorrendo nos últimos anos na sociedade, e como consequência, na família, uma vez que seu papel é único no que se refere à

progenitora da vida. Para Hobsbawm (1991, p. 307), “são inegáveis os sinais de mudanças significativas, e até mesmo revolucionárias, nas expectativas das mulheres sobre elas mesmas, e nas expectativas do mundo sobre o lugar delas na sociedade”.

3.2 A mulher na sociedade

Por longo período da história da humanidade, em especial nas sociedades ocidentais a mulher teve papel de submissão, conforme Pinsky e Bassanezi, (2003, p. 497):

Durante muitas décadas, as mulheres que trabalhavam fora eram suspeitas de não serem honestas, vale dizer, castas e recatadas. Quando as mulheres de classe média quiseram trabalhar, tiveram de ouvir que estavam tirando o trabalho dos chefes de família. Assim, o trabalho remunerado manteve-se por longo tempo reprovado moralmente, pois submetia a mulher a uma condição considerada imprópria para o seu sexo.

Outros fatores relacionados também direta ou indiretamente à mulher vêm contribuindo para a mudança, conforme identifica Giddens (2001, p. 316), “a crise da família está relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação”. O divórcio também é um fator que contribuiu para que o “até que a morte os separe” fosse questionado, bem como outras formas de relações de gênero fossem pensadas, assim também a busca pela realização pessoal sendo posta em primeiro plano, mas mesmo assim, a instituição resiste aos abalos. De acordo com Hobsbawm (1991, p. 315), “na segunda metade do século XX, esses arranjos básicos há muito começaram a mudar com grande rapidez pelo menos nos países ocidentais desenvolvidos, embora que de forma desigual”.

Além disso, Hobsbawm (1991, p. 316) identifica que “as mulheres que procuravam clínicas ginecológicas na década de 1970 mostravam uma substancial diminuição no casamento formal, uma redução no desejo de filhos, e uma mudança de atitude para a aceitação de uma adaptação bissexual”. Além disso, a mulher vem conquistando espaço e autonomia desde o surgimento do anticoncepcional.

Para Hobsbawm (1991), a venda de anticoncepcionais e a informação sobre o controle de natalidade foram legalizadas em 1971, e em 1975 um novo código de família substituiu o velho, que sobrevivera ao período fascista. Finalmente, o aborto tornou-se legal em 1978 em alguns países, confirmado por referendo em 1981. Assim sendo,

percebe-se que a década de 1970 foi um marco nas transformações da vida da mulher e, conseqüentemente, da família.

3.3 A criança no espaço doméstico

Até o século XVIII, a mulher e a criança eram desconsideradas dentro do espaço social, como identifica Ariès (1981, p. 159): “apenas na sociedade moderna que começa a surgir a ideia de perda quando morre uma criança. Para este autor, o sentimento da infância não existia na sociedade medieval e havia uma distinção muito grande entre criança e adulto”. Assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos. Hoje o que difere a criança do adulto é a idade física. Essa mentalidade retrógrada persistiu durante todo o século XVII. Portanto, somente no século XVIII, foi que a criança assumiu uma nova posição dentro do espaço familiar.

Percebe-se, portanto, os conflitos até o século XVIII em torno do que representa a criança no espaço social. Mas esse é o modelo que inspira toda a educação até o século XX, tanto na cidade como no campo. Um tratado sobre a educação de 1646, traduzido para o francês em 1723 por um padre jesuíta que diz o seguinte “só o tempo pode curar o homem da infância e da juventude, idades da imperfeição sobre todos os aspectos” (ARIÈS, 1981, p. 162). Assim, a criança aparece como sendo imperfeita, isso pode justificar o que se considera perfeição humana, mas na condição de adulto.

Essas opiniões devem ser recolocadas em seu contexto de época. Elas já foram interpretadas por alguns historiadores como uma ignorância sobre infância. Os textos do fim do século XVI e do século XVII estão cheios de observações sobre a psicologia infantil. Tentava-se penetrar na mentalidade das crianças para melhor adaptar a seu nível os métodos de educação. Mas esse interesse para Ariès (1981, p. 163), “impunha que se desenvolvesse nas crianças uma razão ainda frágil e que se fizesse delas homens racionais e cristãos”. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação, a criança deveria assumir um lugar central dentro da família.

Dentro desse contexto, não se pode mais tentar encontrar a família nuclear patriarcal, pois a família transformou-se na sua essência, mãe e filho pelas mudanças globais. Do mesmo modo que hoje a mulher pode ser a chefe da casa, ajudando seu cônjuge. Esta tem uma vida econômica mais independente, é responsável por esta

transformação no espaço familiar, devido à conquista de alguns papéis e condições que pertenciam apenas ao homem.

Porém, pouco se sabe o que irá acontecer com essa instituição futuramente, o que se sabe é que ela está seguindo para uma transformação e diversificação como nunca foi visto antes. Ela se apresenta de maneira heterogênea num único espaço social, físico e temporal.

3.4 Indaial: um município em desenvolvimento

No final do século XX e início do século XXI, o município de Indaial (SC) se diversificou ainda mais, ampliando postos de trabalho femininos. Em 1983 surgiram as seis primeiras creches domiciliares, atendendo a 28 crianças. Esse número aumentou para cinquenta unidades em 1993, atendendo a 302 crianças de 0 a 6 anos uma década após a fundação. Já em 2001 eram 54, atendendo a 432 crianças.

Esse fato mostra a investida da mulher no mercado de trabalho e também o surgimento da educação desenvolvida na creche, tarefa até décadas anteriores unicamente familiares, ou seja, em décadas anteriores quem dedicava-se a educação dos filhos eram as mulheres. Percebemos a transformação dos modelos introduzidos no início da colonização, acompanhando a transformação em nível mundial.

A partir do levantamento de dados feito em uma escola pública de Indaial com 163 jovens em idade média de 13 a 16 anos, observam-se novas características à família contemporânea. Destes, apenas 50% moram com pai e mãe; tem-se que 20% dos pais dos jovens são separados, e ainda 9% vivem em união informal, também 8% moram apenas com a mãe, que é chefe de família; e 7% vivem em famílias recompostas, onde a mãe casou com outro companheiro. Já o casamento dos pais com outra companheira é de 2%. Também temos 3% dos jovens onde o pai vive com os filhos, e vivendo com os avós são 1% das famílias. Em Indaial assim como no restante da sociedade ocidental a família se transformou, daquilo que eram os velhos modelos, assim também a sociedade se transforma, outros valores são agregados à educação, ao social, conforme afirma Prado (1985, p, 63).

A revolução industrial gerou uma série de mudanças, em particular de ordem técnica e econômica, que transformou profundamente a vida social. Já foi afirmado, e sem exagero, que o grande impulso científico que marcou o fim do século XVIII e o conjunto do século XIX na história da humanidade foi sem precedentes. Não foram tão somente as

condições materiais da existência que se transformaram, mas por extensão, o conjunto de conceitos filosóficos, ideológicos, étnicos e políticos. A revolução foi de tal importância que os valores culturais mais enraizados, aqueles que durante séculos cimentaram o comportamento dos indivíduos, foram profundamente abalados e questionados diante da pressão do que se pode chamar de mundo moderno.

Dentro desse contexto histórico e social pelo que está passando a família com suas relações internas e externas, tentou-se buscar argumentos a partir do pensamento de vários autores para poder assim, justificar o interesse pelo tema e mostrar a relevância que se tem ao levar o debate para a academia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A família é uma instituição frequente, praticamente em todas as sociedades é responsável e determinante na sociabilidade, no bem-estar físico e afetivo de qualquer indivíduo, valores esses que hoje permanecem vigentes. As famílias principalmente até a metade do século XX tinham características de nuclear e patriarcal, em que a mulher apesar de ser a progenitora da vida, não exercia o papel central da família, o qual é assumido pelo pai. No entanto, percebe-se que é ela a grande responsável pela transformação do espaço familiar nos últimos anos, devido à conquista de alguns espaços e condições antes apenas masculinos ou inexistentes para elas.

Além disso, depreendeu-se que a família nuclear patriarcal tem-se transformado em suas características, mas sua essência permanece. A transformação das famílias em Indaial é algo que acompanha um cenário comum em qualquer sociedade ocidental. Isso pode ser dado ao fato de ser um município de pequeno porte em que predomina, apesar das mudanças no campo, uma grande relação entre este e a cidade.

Compreendeu-se a partir dos dados aqui apresentados, que estejam sendo desenvolvidas políticas públicas, educacionais, no campo das disciplinas de humanas como, por exemplo, História, Sociologia e Filosofia, voltadas para a compreensão, aceitação e inclusão dos diferentes grupos familiares.

A partir disto, procura-se contemplar as novas formas de vida familiar, como por exemplo, mães solteiras, famílias recompostas, famílias homossexuais, e outras. O diagnóstico da pesquisa realizada com os alunos da escola estadual, Escola de Educação Básica Frederico Hardt, sinalizou para uma nova estrutura familiar. Faltam estudos mais

aprofundados sobre essa configuração de família para assim poder compreender melhor a posição de cada sujeito na sociedade indaiense.

Assim, conforme observado nesta pesquisa, a mulher precisou sair de casa e trabalhar fora para ser vista como trabalhadora e não apenas uma ajudante, como já identificou Woortmann (1997), na lavoura seu trabalho é sempre visto como ajuda. Na casa e os filhos, o termo utilizado é “cuidar”. Contudo, o sentido é de zelar. Quanto ao homem define a direção porque o pai de família é socialmente concebido o possuidor do conhecimento para a realização da produção. Ele exerce a chamada hierarquia familiar. É essa hierarquia familiar que está deixando de existir e configurando uma nova estrutura familiar.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste, 2001.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MARTINS, Joel.; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes/EDUC, 1989.

PINSKY, Jaime; BASSANEZI, Carla. **A Construção da Cidadania**. São Paulo: 2003.

PRADO, Danda. **O que é Família?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

STRAUSS, Levi. A Família. In: SHAPIRO, Harry Lionel. **Homem, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

WOORTMANN, Ellen F. *et al.* **O Trabalho da Terra**. Brasília: UNB, 1997.